

RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DA CO-INSTRUÇÃO À CO-EDUCAÇÃO.

GREICE KELLY DE OLIVEIRA

Universidade Presbiteriana Mackenzie – Barueri- São Paulo –Brasil

greiceko@yahoo.com.br

Introdução

Em que pese o fato de diversos estudos abordarem as questões concernentes à temática “gênero”, ainda é comum constatar, científica e cotidianamente, que há um longo caminho a ser percorrido rumo à superação de relações e oportunidades desiguais e desarmoniosas de gênero, no que se refere ao campo da Educação Física escolar. Uma dentre as várias questões que persistem causando polêmica neste âmbito se refere às contribuições e limitações da formação das turmas de educação física com base no sexo dos alunos. Dentre os propulsores dessa discussão está a tentativa de se impor a formação de turmas mistas (meninos e meninas juntos). Com propósitos muito mais econômicos e administrativos do que pedagógicos esta implantação de turmas mistas de Educação Física tem sido feita sem um preparo prévio dos docentes, ocasionando dificuldades, que levam professores e pesquisadores a refletirem e se posicionarem sobre a adequação ou não da formação de turmas mistas, e para tanto são necessários subsídios científicos que algumas pesquisas vêm buscando oferecer. Inserido neste contexto, o presente estudo objetivou investigar a existência de contribuições e limites de uma turma de Educação Física escolar composta de maneira mista (meninos e meninas juntos) em comparação às turmas feminina e masculina, no que se refere às seguintes variáveis: relacionamento com o outro sexo; conceito dos alunos em relação à capacidade do outro sexo na sala de aula e nas aulas de Educação Física; preconceitos e estereótipos de gênero para brincadeiras, atividades e companhia; preferência e pensamento com relação à formação de turmas de Educação Física baseada no sexo. A hipótese central, gerada a partir de premissas constituintes por parte dos estudos que compuseram a revisão da literatura sobre o tema, foi de que os aspectos afetivo-sociais (avaliados neste trabalho) fossem desenvolvidos de maneira mais satisfatória em turmas mistas, conforme apresentado a seguir.

Revisão da Literatura

Gênero, escola e Educação Física

O termo gênero tem sido amplamente utilizado e de fundamental importância para a análise da problemática que envolve a formação das turmas de Educação Física com base no sexo dos alunos.

“O gênero, como categoria analítica, é um modo de se referir à organização social das relações entre os sexos. Numa rejeição total ao determinismo biológico, que busca as explicações para a sujeição das mulheres em sua capacidade procriativa ou na força física masculina, o gênero enfatiza as qualidades fundamentalmente sociais das distinções baseadas no sexo. É uma categoria relacional, que define homens e mulheres uns em relação aos outros” (Bruschini e Costa, 1992, p.290).

Appel (1987, p.03), de maneira sucinta, define gênero como “aspectos culturais ligados ao sexo, ou seja, é sexo culturalmente construído”.

Para falar a respeito da construção do *gênero* que *hoje* se observa, é essencial reportar-se ao passado. Com o auxílio de Scott (1990, p.14) é possível identificar que o quadro descrito acima, é um exemplo de que o gênero constitui-se também como “um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Nota-se que mudanças vêm ocorrendo, haja vista que, há não muito tempo, às mulheres não era permitido o ingresso nas escolas, pois somente os homens eram tidos como

possuidores de capacidade intelectual a ser desenvolvida. Com o passar do tempo, a necessidade e evidência da capacidade intelectual feminina passou a derrubar preconceitos, e hoje é possível observar mulheres ocupando cargos hierarquicamente iguais ou mesmo superiores aos dos homens, e já são poucos os que ainda subestimam a capacidade intelectual feminina.

Saltando para o campo da atividade física no Brasil, apesar de quase inconcebível nos dias de hoje, até o final da década de 70, a legislação negou às mulheres a participação em alguns esportes. O Decreto-Lei No 3199 de 1941, que até 1975 estabeleceu as bases de organização dos Desportos no país, torna ainda mais evidente a condição feminina no esporte no art. 54: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos, baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país...” (Brasil, 1941, p.222). Mesmo com toda escassez de oportunidades e enfrentando todos os mecanismos que sempre procuraram inferiorizá-la, a mulher vem conseguindo adentrar o mundo dos esportes, como se pode constatar com a legalização da participação feminina no futebol de campo, efetuada pelo Conselho Nacional de Desportos-CND- em 1979: “considerando o inequívoco interesse das mulheres, no Brasil, em praticar futebol de campo [e] o inegável interesse que o futebol feminino [vinha] despertando no mundo inteiro” (Sousa, 1994, p.196). É fundamental ponderar que tais exemplos não são apresentados sob a égide de se defender a idéia de igualdade incondicional, baseada no mimetismo das características masculinas, mas sim enfatizar a idéia segundo a qual muitas capacidades e características encobertas pelos cânones de gênero possam vir à tona com o paradigma do respeito e valorização da diferença, o que não exclui a descoberta de semelhanças. Ainda hoje, pessoas são limitadas em seus comportamentos, atuações e sentimentos, por serem de um determinado sexo, estabelecendo-se então o sexo como principal determinante da vida. Meninos e meninas são privados da convivência nas aulas de Educação Física devida, na maioria das vezes, a diferenças que nem sequer sabe-se se são diferenças sexuais, de gênero ou individuais, ou mesmo se devem ser as únicas norteadoras da formação das turmas de Educação Física. Há de se reconhecer a importância do aspecto cultural na formação, manutenção e transformação de tais diferenças. A aprendizagem desses comportamentos é feita, baseada em reforços positivos, quando a criança apresenta comportamentos considerados adequados ao seu sexo, e em punição ou reprovação, quando os comportamentos não se encaixam ao modelo imposto. A questão torna-se ainda mais preocupante quando se assume que os educadores são veiculadores e reforçadores de tais estereótipos. Na escola, a criança recebe contribuições e influências muito significativas para a sua formação. O professor é uma figura de fundamental importância neste contexto, pois veicula idéias, percepções, conceitos e preconceitos adquiridos durante a sua vida. Segundo Delamont (1985) as escolas não ensinam de modo explícito os rapazes a serem homens e as meninas a serem mulheres. O ensino dos papéis sexuais surge como parte integrante na maioria das lições, pois os professores acabam por passar exatamente os estereótipos de gênero por eles assimilados, e se não estiverem alertas, reproduzem-nos sem ao menos repensá-los. Neste sentido, Thompson (1981) relata a falta de consciência dos professores com relação a seus comportamentos estereotipados de gênero, e informa que em alguns estudos realizados os professores não faziam referências a diferenças de tratamento de meninos e meninas em seus discursos, entretanto, nas observações desses mesmos professores nas salas de aula, foram reveladas diferenças em sua interação com meninos e com meninas. Inserido neste contexto escolar, criador e reproduzidor dos estereótipos que operam na sociedade, o professor de Educação Física também passa a reproduzir essa estrutura quando ajuda na manutenção dos estereótipos de gênero, principalmente naqueles relacionados à atividade física. Acreditamos que o professor de Educação Física ainda é uma figura chave para a questão discutida, pois dependendo da sua postura, de suas opiniões, enfim da visão que este possua, poderá haver fortes influências para a formação de inúmeras outras opiniões e idéias. Entretanto, como Money e Tucker apud Romero (1990, p.04)

mencionam: “A tendência dos estereótipos culturais de resistirem à mudança é essencial para a manutenção da sociedade, mas a flexibilidade é essencial para manter a saúde, tanto da sociedade quanto de seus membros”.

Turmas mistas ou separadas por sexo?

Kunz (1993, p.07) afirma categoricamente “a separação de sexos com turmas de Educação Física tem sido uma tradição, não uma determinação legal”. Percebe-se que a principal responsável pela separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física em todos os tempos tem sido a concepção equivocada das diferenças sexuais e de gênero, além da própria falta de clareza quanto ao espaço curricular e a função social da Educação Física escolar. As diferenças sexuais não devem ser vistas como opostas e impeditivas da realização das aulas de Educação Física com alunos de ambos os sexos na mesma turma. Entretanto, há muitos professores imunes a esta concepção. Alguns, por voltarem seus objetivos, exclusivamente, ao máximo rendimento motor e, por vezes, à formação de talentos esportivos. Outros, por não terem consciência dos efeitos negativos que os estereótipos de gênero por eles reproduzidos e mantidos têm provocado. De qualquer forma, estes professores não têm atentado para a necessidade e possibilidade de se obter um desenvolvimento afetivo-social mais rico, em que os alunos possam conhecer e aprender a conviver com as diferenças sexuais e individuais. Para aqueles que reconhecem e são contrários aos valores sexistas que têm sido veiculados na Educação Física Escolar, e que têm se preocupado com o progresso da área, é fundamental o avanço de estudos que compreendam como melhor potencializar o trabalho co-educativo. As turmas mistas podem permitir ao aluno conhecer e respeitar as diferenças individuais bem como as sexuais e de gênero, já que propiciam situações conflituosas que devem ser aproveitadas pelos professores para discussões em que sejam feitos esclarecimentos, desmitificações e questionamentos dos estereótipos de gênero. Neste ambiente de conflitos torna-se possível também, a reflexão com relação aos conteúdos das aulas de Educação Física que também são estereotipados. Algo semelhante poderia ser almejado com turmas separadas por sexo, através da conscientização do professor quanto ao seu papel na modificação dos estereótipos de gênero. Entretanto, o que tem se percebido em estudos e na prática, é que as turmas mistas tornam a problemática mais presente, oportunizando trocas de experiências, enaltecendo as capacidades próprias e do outro, bem como a superação e respeito às limitações individuais, sexuais e de gênero. Por outro lado, Alfermann (1993) nos alerta sobre o perigo da co-instrução em detrimento da co-educação, ou seja, pelo fato de as turmas mistas serem implantadas por razões organizacionais (a organização dos horários é mais fácil, os professores e professoras podem assumir as turmas independente do sexo dos alunos, etc.) e não para o alcance de objetivos educacionais, meninos e meninas têm aula com o mesmo professor, no mesmo horário e local, mas sem objetivar avanços nas relações de gênero, nas atitudes e valores que combatam o sexismo opressor. Esta observação também é válida para os demais componentes curriculares que pouco se atêm aos aspectos de cooperação e integração grupal. No entanto, a autora coloca que mesmo com a co-educação não se pode garantir que os objetivos desta sejam alcançados e que os efeitos das aulas co-educativas dependem e muito da forma (estratégia e metodologia) utilizada pelo professor. Delamont (1986) relata que vários estudos têm mostrado que os rapazes obtêm melhores resultados em escolas mistas, porém os mesmos resultados não têm sido tão facilmente evidenciados para as moças. Talbot (1992) coloca esta mesma questão chegando a sugerir que talvez o ensino separado por sexo fosse mais adequado às meninas. Tal conduta seria um retrocesso, no entanto, é evidente que as turmas mistas precisam ser melhor estudadas. Um estudo realizado por Guttentag e Bray apud Delamont (1986) revelou que professores hábeis, dispostos e convencidos do potencial de mudança de comportamentos possibilitado pela introdução de materiais curriculares sobre papéis de gênero, atingiam modificações de comportamento dos alunos. Com base neste estudo Delamont (1986) afirma: “Só os professores e professoras dedicados a uma transformação das

relações de função de sexo nas escolas é que poderão ser capazes de modificar as atitudes dos alunos; e, mesmo assim, só se utilizarem habilmente os materiais disponíveis”(p.152).

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso comparativo, orientado pelo enfoque metodológico quanti-qualitativo. A amostra foi composta por 45 estudantes (22 meninos e 23 meninas) com idade média 12,8 anos, alunos de uma mesma professora de Educação Física que aceitou participar da pesquisa sob a condição de respeitar o delineamento da pesquisa que pressupôs a formação de três diferentes turmas: mista, feminina e masculina. Em que pese seu posicionamento contrário à formação de turmas mistas de Educação Física, a professora prontificou-se a colaborar com a pesquisa.

Os dados, coletados por meio de entrevista semiestruturada realizada antes e após o período de quatro meses de aula, foram analisados com base na análise de conteúdo, seguindo procedimentos como: extração das unidades de significado e classificação das mesmas de acordo com os temas pré-estabelecidos; Condensação das respostas da primeira etapa, agrupando as respostas semelhantes tanto nos dados do teste quanto do reteste; Elaboração de um quadro formado com as respostas que indicavam o que houve de mudança e o que se manteve, comparando teste e reteste, no qual se agregou uma classificação das mudanças em positivas ou negativas, de acordo com o referencial teórico desta pesquisa. Tal elaboração partiu da comparação entre os meninos da turma mista com os da turma masculina e meninas da turma mista com as da turma feminina. Só então foi possível realizar a discussão dos resultados.

Resultados

Ao realizarmos a comparação entre alunos e alunas das turmas mista, feminina e masculina sob um enfoque predominantemente quantitativo percebemos que, na maioria dos temas avaliados, não foram encontradas diferenças marcantes entre os três tipos de formação. No entanto, realizando uma comparação predominantemente qualitativa e detalhada foi possível fazer significativas observações apresentadas, sinteticamente, a seguir.

No tema “relacionamento com o outro sexo” os meninos de ambas as turmas (mista e masculina) pouco citaram meninas dentre os melhores amigos na escola. A partir de exemplos de discursos como os que seguem, é interessante notar que para estes alunos parece que a escola representa mais um espaço de separação dos sexos: Brinco com meninos, porque os meninos ficam com meninos; Não sei, já é costume da escola; A gente fica falando de futebol e dos times; Os meninos sabem brincar, as meninas não sabem e às vezes irritam.

Assim, confirma-se a preocupação de que “as escolas criam e fortalecem segregações, estereótipos e até discriminações sexuais que exageram os aspectos negativos das funções de sexo do mundo exterior quando poderiam tentar aligeirá-los[atenuá-los]”.(Delamont,1985,p.19)

Também foi possível descobrir a importância que as atividades estereotipadas sexualmente, mais especificamente o futebol, têm tido para o relacionamento entre os sexos. Tornou-se evidente que o futebol tem sido um dos principais motivos da dificuldade de integração entre meninos e meninas, refletindo o que foi exposto com relação à cultura, que não só “prende” as meninas em casa a realizarem afazeres domésticos, por muito tempo, como também as privou da aquisição das capacidades e habilidades que o futebol e outras atividades, permitidas aos menino. Meninos que afirmaram brincar com as meninas acabaram por explicar que isso é possível quando o tipo de atividade escolhida é viável a ambos os sexos: Tem brincadeiras que as meninas não brincam, tipo futebol, mas vôlei elas jogam, daí elas brincam junto. Portanto, parece que nas atividades nas quais as meninas possuem o mínimo de domínio tem ocorrido a integração com os meninos. Tal observação remete ao redimensionamento dos conteúdos das aulas de Educação Física, que geralmente privilegiam as habilidades dos meninos, pois se resumem em alguns esportes. Entretanto, não se trata de excluir o esporte da lista de conteúdos da Educação Física Escolar, mas sim de atentar para o

seu potencial educativo. A escola deve redimensionar sua função para superar a mera reprodução do esporte de alto nível, e catalizar as ricas oportunidades educacionais proporcionadas pelo esporte. O professor de Educação Física deve ter habilidade para reconhecer o esporte como conteúdo que, por explicitar valores sexistas, pode ser um meio de desestruturá-los. Porém, se o esporte não for trabalhado sob uma perspectiva diferente da que prevalece atualmente, a co-educação continuará sendo substituída pela co-instrução, ou seja, meninos e meninas realizam a aula com o mesmo horário, local e professor, mas não alcançam a oportunidade de melhor se desenvolver através da troca de experiências em conteúdos diferenciados, do conhecimento e aprendizado da convivência com as diferenças sexuais, dentre outros. Quanto ao conceito sobre a capacidade do outro sexo nas atividades de sala de aula, os meninos de ambas as turmas apresentaram maior tendência de citar as meninas como mais capazes. A respeito do conceito sobre a capacidade do outro sexo nas atividades de Educação Física, a turma mista se mostrou mais consciente, apontando objetivamente as capacidades das meninas e posicionando-se de maneira a acreditar que ambos os sexos são capazes. A maioria das meninas da turma feminina reconheceu a capacidade de ambos os sexos nas atividades de sala de aula, o que ocorreu com a minoria na turma mista que apresentou tendência a caracterizar as meninas como melhores nas atividades de sala de aula. As meninas das turmas feminina e mista apontaram ambos os sexos ou somente os meninos como mais capazes nas aulas de Educação Física, o que mostra o reconhecimento da capacidade do outro sexo sem a rivalidade que se costuma observar entre meninos e meninas. Não que o ideal seja aceitar que o sexo masculino possui maior capacidade para a realização das atividades de Educação Física, mas o não preconceito com relação ao outro sexo é um importante passo para que haja condições de realização de um trabalho que busque a revelação e conscientização das capacidades e limitações de cada indivíduo, independente do sexo ao qual pertence. Na análise da categoria gênero e brincadeiras, as quatro turmas apresentaram resultados muito semelhantes, que vão em direção à manutenção da discriminação das atividades e brincadeiras de acordo com o sexo, confirmando que os estereótipos de gênero se fizeram presentes e mantidos também nas brincadeiras, como foi apresentado na revisão bibliográfica. Quanto à preferência pelo tipo de formação das turmas com base no sexo dos alunos, os meninos da turma mista revelaram-se mais simpatizantes à formação mista do que os meninos da turma masculina, porém ao realizar a análise das vantagens e desvantagens das turmas mistas e das vantagens das turmas separadas por sexo, novamente se notou que ambas as turmas preocupam-se constantemente com a falta de habilidade feminina no futebol. Curiosamente, os meninos da turma mista revelaram-se ainda mais incomodados com o comportamento desinteressado e displicente das meninas. O mesmo foi averiguado por Abreu (1993, p.171): “O que mais incomoda [aos meninos] é o comportamento das meninas de muito riso, gritaria e pouca habilidade”. Quanto às vantagens apresentadas, as duas turmas se assemelham bastante, revelando, principalmente, uma maior preocupação com a possibilidade de perderem, com turmas mistas, aspectos como o relacionamento, liberdade e respeito que as alunas acreditam que haja quando há somente meninas. Colocando em foco

a comparação entre as turmas, interpreta-se que a turma mista mostrou-se um pouco à frente das turmas separadas por sexo em alguns dos temas estudados. Em parte, confirma-se a hipótese de que as turmas mistas possuem um potencial de melhor desenvolver alguns aspectos sociais como os analisados neste estudo, no entanto, os resultados também revelam que o simples fato de manterem-se alunos e alunas no mesmo espaço físico, seja nas aulas de Educação Física ou em outras situações, como na sala de aula, não pode garantir efetivamente que o relacionamento entre estes alunos ocorra de forma satisfatória.

Considerações Finais

De acordo com Sousa (1994, p.227) “as relações de gênero vêm se tornando, cada dia mais, uma questão necessária para os que pretendem discutir a educação. Não há como negar

a ressonância de tais construções no cotidiano e nas práticas escolares”. Para assumir a parcela de responsabilidade que lhe cabe no processo educacional, a Educação Física necessita de investigações que considerem as questões de gênero. No estudo ora relatado, as poucas diferenças encontradas entre as turmas comparadas foram favoráveis à turma mista, conforme apontam estudos que defendem a formação de turmas mistas, no entanto, o que de mais importante as entrevistas revelaram foi a constatação de que os estereótipos de gênero para atividades físicas têm contribuído fortemente para a segregação das pessoas; a confirmação de que a *escola* tem se colocado como mais um obstáculo às mudanças, pois reforça e cria estereótipos de gênero ao invés de questioná-los e modificá-los.

Tem se tornado cada vez mais evidente “a falta de intervenções por parte dos docentes a fim de aproveitar o conflito e as contradições [que emergem das aulas com turmas mistas] para levantar questionamentos e avançar nas possíveis alternativas pedagógicas” (Abreu, 1993, p.159). Portanto, a solução vai muito além de garantir que meninos e meninas ocupem o mesmo espaço físico e realizem as mesmas atividades. Faz-se necessário investigar as complexidades que “tantas vezes fazem da educação mista uma solução incompleta, solução que em certos casos até contribui para exacerbar as desigualdades...” (John Eggleston apud Delamont, 1986, p.15).

Compartilho com Daolio (1995, p.106) na idéia de que aos professores cabe a difícil tarefa de:

respeitar as diferenças entre meninos e meninas e, ao mesmo tempo, propiciar a todos os alunos as mesmas oportunidades de prática e desenvolvimento de suas capacidades motoras. Pender para um extremo seria respeitar as diferenças entre os sexos, achando que elas são naturais e, portanto, não devem ser contrariadas. Estaria reforçando-se a falsa idéia de que os meninos são mais dotados e as meninas são ‘antas’. Pender para outro extremo seria propiciar a todos as mesmas oportunidades em termos motores, querendo que os resultados de meninos e meninas sejam idênticos. Estaria se impondo uma igualdade inexistente.

Neste sentido, tratar as pessoas igualmente pode significar ignorar a individualidade e as diferentes expectativas de gênero, classe e raça. Como já foi discutido, a igualdade de acesso às aulas não garante a igualdade de oportunidades que significa oferecer a todos a chance de se desenvolverem de acordo com seu potencial, não esperando que todos sejam igualmente capazes pelo simples fato de executarem a mesma atividade. Portanto, o maior desafio dos educadores é o respeito e a busca do direito de ser diferente sem com isso render-se à doença da necessidade de hierarquização de diferenças de que sofre a sociedade. Para que possamos vislumbrar as mudanças necessárias e buscar meios de viabilizá-las é fundamental conhecer, elucidar e compreender, com rigor científico, a problemática em torno das questões de gênero relacionadas à Educação Física escolar. Este é o princípio regente deste e outros trabalhos voltados a pesquisar para melhor intervir, para subsidiar e verificar a necessidade e os caminhos para transformar a prática pedagógica no campo escolar.

Referências Bibliográficas

ABREU, Neise Gaudêncio. “Meninos prá cá, meninas prá lá?”. In: VOTRE, Sebastião (Org.). Ensino e avaliação em educação física. São Paulo: Ibrasa, 1993.

ALFERMANN, Dorothee. Koedukation im Sportunterricht. Sportunterricht, n.1, p.323-343, jan. 1993.

APPLE, Michael W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo de trabalho docente. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.60, p.03-13, fev. 1987.

BRASIL. Decreto 1941. Lei n.3199 de 14 de abr. de 1941. LEX : Legislação Federal, São Paulo, cap. IX, art. 54, v.5, p.222.

BRUSCHINI, M. C. COSTA, Albertina de Oliveira. (Orgs.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p.289-309.

DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: ROMERO, Elaine. (Org.). Corpo, mulher e sociedade. Campinas: Papirus, 1995, p.99-123.

DELAMONT, Sara. Os papéis sexuais e a escola. Lisboa: Livros Horizonte, 1986. Coleção Biblioteca do Educador Profissional.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993. (Dissertação, Mestrado em Educação).

ROMERO, Elaine. Estereótipos masculino e feminino em professores de Educação Física. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990. (Tese, Doutorado em Psicologia).

SCOTT, Joan. Gênero; uma categoria útil de análise histórica (versão revisada do artigo publicado na mesma revista v.15, n.2, p.5-22, jul/dez.,1990). Educação & Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez, 1995. Tema em destaque: Gênero e Educação.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Meninos à marcha! Meninas, à sombra! A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Tese, Doutorado em Educação).

TALBOT, Margaret. Equal Opportunities and Physical Education. Inglaterra: (mimeog.), [1992].

THOMPSON, Margaret M. Project S.E.E. Sex stereotyping and human development. Seek equity educationally in elementary school physical education. University Illinois. Urbana Champaign: 1981.

Greice Kelly de Oliveira
Vila Atenas, 41 Vila Galvão- Guarulhos- SP- Brasil
Telefones (11) 2451-2139 9755-6834
greiceko@yahoo.com.br